

4

Política

As côres da multitude

Raimundo Viejo Viñas

Em tempos da Modernidade as côres jogaram um papel simbólico fundamental na política da emancipação. Hoje, cômpre repensar o papel das mesmas, tanto mais por quanto que a diário estamos a observar como os jogos cromáticos devenhem umha clave fundamental do discurso. Na reflexom deste artigo, aborda-se a importância deste fenómeno político à vez que se procura adiantar umha reflexom a cada mais decisiva para o nosso futuro político: a necessidade de reconhecer a autonomia, convivência e multiplicidade de eijos emancipatórios que nos revelam as côres do caleidoscópio da multitude. Temos que saber pensar em verde sem danar o vermelho, nem o celeste, nem o branco, nem quaisquer outra côr; mas, de igual jeito, nas nossas circunstâncias actuais precisamos urgentemente de reconhecer a hegemonia discursiva de esse mesmo verde da ecologia política. Toda outra opção levava-nos a cometer os mesmos erros de sempre.

Desde há muito tempo, tanto que quase nom lembramos quando, as côres se convertiram numha ferramenta fundamental da retórica política. Os imaginários mais variados botaram mao das metáforas cromáticas para fazer possível a interacção simbólica que informa toda luta política. A apropriação colectiva das côres políticas convertiu-se assi num elemento estratégico decisivo para o êxito final dos processos revolucionários que fixerom progressar ao Género Humano em cada etapa histórica.

O vermelho, por exemplo, foi nas suas origes umha côr baixo hegemonia clerical (ainda hoje há bandeiras vermelhas que ondeam com esta significação sobre o ceo compostelano). Mas ainda em tempos antigos, quando a teocracia ainda regia boa parte do mundo, estouparom contradicções e luitas entre os poderosos e a multitude na que ésta desafiou à hegemonia cromática dos primeiros. Aconteceu assi que, já na Itália renacentista, o feito de sacudir guardanapos vermelhos polas janelas namentres pola rua passavam corruptos cardenais senhores daquele tempo, serviu para unir simbolicamente a quem tinha que padecer a oprimom e abusos destes mesmos.

O vermelho cambiou de bando e para quando chegou o século XIX, era já umha côr identificada coa loita pola emancipação do movimento mais importante do seu tempo: o movimento obreiro. E embora a barbárie autocrática stalinista e hitleriana tentou as mais espúrias manipulações sobre os símbolos incólumes do proletariado (o vermelho foi côr fundamental das simbologias nazi e estalinista), ficou esta côr como herdo para a luta que se abre na contradicção entre capital e trabalho. Por isso hoje todavia pode o precariado ondear com orgulho e dignidade o vermelho anti-capitalista.

Mas o vermelho ou o celeste nom som as únicas côres da multitude. Junto a el achamos violetas feministas, rosas e arco-da-velhas gays e lesbianos, brancos cívicos e pacifistas, negros libertários e assi até completar a constelação cromática da emancipação multitudinária.

Asemade, na Galiza, desde os primeiros momentos fundacionais da nossa mitologia nacional houve côres chamadas a contribuir à construção simbólica da nossa identidade colectiva. Brancos e azuis celestes foram chamados a ocupar um lugar privilegiado, mas também escoitamos loubar às nossas costas verdescentes. Já entom o verde demarcava, quase de jeito "natural", um dos nossos limes constituintes como Nação. Na era do Estado nacional (que foi tempo do fracaso de um imperialismo espanhol de vermelhos e gualdas monárquicos, de grises e verdes policiais e militares, de negros de águias e sotas ou de azuis fascistas), a luta da Galiza pensou-se também num verde territorial. O movimento galeguista introduciu asi o verde na sua gama cromática nacional.

Porém, a incorporação do verde nom sempre foi harmoniosa e, chegado o tempo, mesmo rematou por mudar em cercenamento da emergência de umha matriz ideológica ecologista autónoma. E assi, na clave ideosistémica de interpretação territorialista intrínseca ao próprio Estado nacional, o industrialismo non achou eiva alguma à hora de desprazar ao ecologismo: Galiza concibida como território verde diluiu-se nas côres ferrugentas da demanda de fábricas que a sacasem do atraso. Nom falhou entom quem sonhou umha Galiza chea de fumes grises. Mais umha vez, a multitude tomou a palavra às burocracias daquele gris arquivador de outro tempo: encoros, verquidos radiactivos e de todo tipo, fumes e quantas agressions perpetradas no nome do progresso industrial acharom a resistência das multitudes que se manifestarom como se estam a manifestar. Hoje em dia, nestes tempos de mundialização e constituição do Império, já nom é o verde territorial, mas o verde da vida ameaçada, o que está chamado a contribuir à luta

das multitudes pola emancipación. Galiza, naçom constituinte deve incorporar fazer seu verde junto às outras côres das multitudes, deve permitir o seu pleno desenvolvemento sem por isso supeditar o contrapoder emancipatório de outras côres (nomeadamente o vermelho e o celeste). Hoje mais que nunca, o verde configura-nos como umha espécie igual entre as espécies, como auténtico Género Humano, a história natural da qual escreveremos na derrota do capitalismo neoliberal.



Non hai opini3ns

 a túa opini3n